



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - PARFOR
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ALDEMY SILVA PINTO

MEMORIAL
EJA E SOME: Os impactos na minha vida acadêmica

ANAPÚ-PA
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - PARFOR
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ALDEMY SILVA PINTO

MEMORIAL

EJA E SOME: Os impactos na minha vida acadêmica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. André Ribeiro de Santana.

ANAPÚ-PA

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P659e Pinto, Aldemy Silva Pinto.
EJA E SOME : Os impactos na minha vida acadêmica /
Aldemy Silva Pinto Pinto. — 2023.
29 f.

Orientador(a): Prof. Dr. André Ribeiro de Santana Santana
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2023.

1. O ensino de jovens e adultos . 2. Sistema de
Organização Modular de Ensino. 3. Dificuldades de
aprendizagem. I. Título.

CDD 370.1523

MEMORIAL: **EJA E SOME**: Os impactos na minha vida acadêmica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. André Ribeiro de Santana

Avaliado em 23/01/2023

Conceito: Excelente

Prof. Dr. André Ribeiro de Santana
Orientador

Prof.^a Ma. Dienne Marly de Souza Pontes

Prof.^a Esp. Thereza de Fátima Bussoli

ANAPÚ-PA

2023

Dedico este trabalho a todos os meus familiares e amigos, em especial para os meus filhos que são os meus grandes tesouros.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço ao nosso querido pai celestial, que com seu imenso amor e misericórdia nos protegeu e nos guardou de todas as adversidades da pandemia que ceifou milhares de pessoas do mundo inteiro.

Agradeço a minha esposa Ana Cláudia que muitas vezes precisava se desdobrar entre seu trabalho e o da chácara para que eu pudesse me deslocar da minha cidade para Anapu para estudar.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. André Ribeiro de Santana que sempre procurava nos deixar tranquilos na hora de produzir este trabalho e pelo seu jeito paciente e educado com que tratava todos nós da turma.

Agradeço aos meus queridos e estimados professores, com os quais tive oportunidade de conviver em sala de aula presencial ou pelas aulas online, pela contribuição imprescindível que deram para esta minha formação.

Agradeço o apoio da gestão municipal de Anapu por ter colaborado conosco no que tange alimentação e até em questão de impressão.

Para finalizar quero também agradecer aos funcionários de apoio: os vigias, as serventes e as merendeiras por terem colaborado conosco durante estes quatro anos.

EPÍGRAFE

O coração do homem planeja o seu caminho,mas o senhor lhe dirige os passos.

Provérbios capítulo 16 versículo 9

RESUMO

O presente trabalho sob o tema EJA E SOME: Os impactos na minha vida acadêmica traz uma abordagem sobre a minha história de vida como discente, docente e acadêmico o qual através de minhas lembranças proponho possíveis reflexões sobre as dificuldades que acompanham o aluno desta modalidade de ensino em pauta e que dificultam também o seu prosseguimento nos estudos devido a falta de domínio dos conhecimentos matemáticos, entre outros. Falo também das dificuldades que tive como aluno da EJA e do some no que diz respeito aos conhecimentos de alguns disciplinas, dentre elas a de Matemática. Essa discussão nos ajudará a perceber como estas modalidades de ensino muitas das vezes deixa muito a desejar, pois os alunos, tanto numa modalidade quanto na outra, ficam sem estudar determinados assuntos de suma importância devidos à falta de tempo. Isso nos leva a indagarmos, se nestas modalidades os alunos finalizam o cursos com muitas dificuldades, agora imagina só o que acontece com aqueles alunos que estudam uma vez por semana e conclui o ensino médio em um ano. Questões como essas nos fará refletir sobre a qualidade de ensino que alguns institutos particulares oferecerem por aí fora e repensar qual tipo de profissionais está se formando. Como professor da EJA destaco alguns aspectos positivos e negativos desta modalidade de ensino e a forma como era tratado pela escola. Para construção deste trabalho, utilizarei uma pesquisa do tipo descritiva autobiográfica reflexiva e bibliográfica, buscando estabelecer uma possível relação entre minha história e o tema proposto, através de uma abordagem qualitativa, levando em consideração uma relação dinâmica entre o sujeito e o contexto no qual está inserido. Utilizando como gênero textual o memorial que tem sido muito usado em trabalhos acadêmicos, o qual fundamentarei teoricamente através de Freire (1987) e (1996), Tardiff (2012) pois o mesmos discutem a respeito das reflexões deste memorial. Está estruturado em três capítulos, no primeiro falarei sobre o princípio de minha história de vida, no segundo sobre minha preparação profissional e no terceiro falarei sobre minha relação com a universidade. Por fim farei as considerações finais, em que mostrarei os resultados obtidos por essa pesquisa.

Palavras-Chave: Eja. Some. Dificuldades. Reflexão.

ABSTRACT

The present work under the theme EJA AND SOME: The impacts on my academic life brings an approach about my life history as a student, teacher and academic which through my memories I propose possible reflections on the difficulties that accompany the student of this modality of teaching on the agenda and that also hinder their continuation in their studies due to lack of mastery of mathematical knowledge, among others. I also talk about the difficulties I had as a student of EJA and SOME with regard to the knowledge of some subjects, among them Mathematics. This discussion will help us to understand how these teaching modalities often leave much to be desired, as students, both in one modality and in the other, are left without studying certain subjects of paramount importance due to lack of time. This leads us to ask, if in these modalities students finish the courses with many difficulties, now just imagine what happens to those students who study once a week and complete high school in one year. Questions like these will make us reflect on the quality of teaching that some private institutes offer out there and rethink what kind of professionals are being formed. As an EJA teacher, I highlight some positive and negative aspects of this teaching modality and the way it was treated by the school. For the construction of this work, I will use a descriptive autobiographical, reflective and bibliographic research, seeking to establish a possible relationship between my story and the proposed theme, through a qualitative approach, taking into account a dynamic relationship between the subject and the context in which he is inserted. Using as a textual genre the memorial that has been widely used in academic works, which I will theoretically base through Freire (1987) and (1996), Tardiff (2012) as they discuss about the reflections of this memorial. It is structured in three chapters, in the first I will talk about the beginning of my life story, in the second about my professional preparation and in the third I will talk about my relationship with the university. Finally, I will make the final considerations, in which I will show the results obtained by this research.

Keywords: Eja. Add. Difficulties. Reflection.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
DESENVOLVIMENTO.....	10
CAPÍTULO I PRINCÍPIO DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA	10
1.1 Início	10
1.2 Infância	11
1.3 Entrada para a escola	12
1.4 Ensino fundamental	13
CAPÍTULO II PREPARAÇÃO PROFISSIONAL	15
2.1 Ensino médio	15
2.2 Trajetória profissional.....	19
CAPÍTULO III MINHA RELAÇÃO COM A UNIVERSIDADE	21
3.1 A entrada e a importância do Parfor	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado, em formato de memorial, representa simultaneamente, uma revisão, uma reflexão e uma avaliação da minha história de vida relacionada com a educação.

Elaborei uma genuína atividade de pesquisa simultaneamente descritiva autobiográfica e reflexiva, a qual em conformidade com Gil (2002), tem como intenção descrever e estabelecer associações entre o relato que está sendo apresentado e o tema, nesse caso a Educação.

Ao escrever meu memorial, eu me senti como se estivesse escrevendo um diário, pois revivi fatos e situações ao descrever/reescrever/rememorar acontecimentos da minha vida como aluno, cidadão e professor, que envolvem desafios, superações, tristezas e alegrias.

Procurei priorizar minhas palavras em argumentações pessoais, associando-as prioritariamente com autores como Freire (1987, 1996) e documentos como Brasil (1998, 1999, 2017).

Este memorial está organizado de acordo com capítulos nos quais relatei vivências sobre a infância, seguidas por memórias do meu início na escola, passando pelo ensino fundamental e ensino médio, minha carreira docente e meu ingresso no PARFOR e como este programa modificou minhas percepções de professor, contribuindo para que eu percebesse possibilidades até então por mim desconhecidas, relacionadas à Educação. Finalizei meu memorial com as considerações finais sobre contribuições que esta elaboração representou para mim, como professor e cidadão.

CAPÍTULO I PRINCÍPIO DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA

1.1 Início

Sou Aldemy Silva Pinto, nasci no dia 25 de maio de 1974, filho de João Pereira Pinto e de Maria Balbino da Silva, tenho 7 irmãos, um já falecido. Nasci em Lago da Pedra-MA. Quando tinha dois anos de idade meus pais se mudaram para este município chamado Pacajá - PA, sou filho de agricultor e de pequeno comerciante. Desde muito cedo via a luta árdua dos meus pais para conseguir obter o nosso sustento.

Nem meu pai nem minha mãe, ambos já falecidos, nunca tinham idos à escola para estudar quando crianças. Minha mãe era analfabeta. Meu pai aprendeu ler um pouquinho pedindo ajuda para as pessoas que passam raramente no caminho do lugarejo onde morava antigamente, lá no estado do Maranhão.

O que meu pai aprendeu de leitura e escrita foi desta forma. Depois de muitos anos depois que tinha chegado neste município de Pacajá-PA, enfim passou a estudar numa escola e cursar o Mobral que se não me falha a memória era uma modalidade de ensino que correspondia ao ensino do 1º ao 5º ano, naquela época série. Lembro-me que meu pai tinha uma coleção de livros cada um de uma cor e cada um tinha um desenho de um pé calçado numa bota.

Bem antes de nós virmos morar neste lugar, meu pai já andava por esta região, pois ele era mascate, vendia sobretudo roupas, também fazia trocas e comprava pequenos animais e aves que pudessem ser vendidos nas cidades mais próximas e nas agrovilas. Ele comprova suas mercadorias em Marabá. Meu pai era desenrolado, não ficava parado não, gostava de comprar umas casas velhas para arrumar e depois vender por um preço melhor, gostava de estar sempre negociando.

As imagens ressurgem na minha cabeça como se fosse hoje, lembro-me das inúmeras casas velhas que a gente ia arrumar. Meu pai já tinha um pedreiro especial para isso. Nós também tínhamos chácara e eu no horário oposto ao da escola era quem ia para lá com alguns trabalhadores capinar o plantio de arroz, milho e mandioca, dentre outros. Eram tempos difíceis

Quando me entendi por gente, já foi dentro de um comércio de secos e molhados. No começo ia só para brincar lá, comer pipoca, balinhas, etc. Na medida em que o tempo ia

passando e eu ia crescendo também passei a ajudar nas vendas. Gostava de trabalhar no comercio porque tinha muitas coisas a vontade para comer e não precisava comprar.

Além do comercio de secos e molhados, meu pai também colocou uma barbearia de sociedade com um amigo dele, eu achava bacana porque cortava o cabelo e não precisa pagar. Fora isso ele também colocou um açougue de venda de carne de porco achei bom também porque a gente comia carne a vontade. Meu pai tinha um hobby que era fazer troca, tinha dia que ele fazia de três a quatro. Trocar, gambirar, catirar, são alguns termos utilizados por nós aqui do Norte, Brasil, precisamente aqui na região transamazônica para se referir ao ato de alguém pegar um determinado objeto ou coisa e sair a procura de outra pessoa que também possui um determinado objeto ou coisa que também quer desfazer do mesmo. Assim quando essas pessoas se encontram e o negócio é consumado dizemos que houve uma troca.

Nesse tipo de negócio muitas vezes a pessoa pega um objeto mais novo e troca por outro mais velho de tal modo que aquele primeiro receba algo de volta, que muitas vezes pode ser dinheiro ou de acordo com a combinação outros itens, a ideia é pelo menos equiparar os valores dos objetos, uma vez que para quem troca o pensamento quase sempre é obter lucros, fato que em muitos casos um dos envolvidos terminam levando a pior, ou ficando no prejuízo.

Mesmo assim, numa troca nem sempre o que estar em jogo é o lucro de ambas as partes, pois muitas vezes as pessoas possuem objetos novinhos e nem pegam algo de volta. Fazem então este tipo de negócio apenas por questão de gosto, isto é, digamos, duas pessoas têm cada uma um relógio novinho e depois de alguns dias ambas ficam insatisfeito com sua cor ou algo parecido e por isso resolvem abrir mão do mesmo e fazem esse tipo de negociação.

1.2 Infância

O período da minha infância foi recheado de muito momentos legais. Naquele tempo não tinha ainda no município de Pacajá ensino infantil para 5 ou 6 anos, então o meu divertimento era brincar de casinha com minha irmã e suas colegas, passávamos grande parte do dia construindo a própria casa, depois dividíamos os papeis uns iam ser os pais, outros os filhos. E assim como toda casa fazíamos as nossas comidas e sobremesa.

Outra maneira de se divertir era brincar de carrinho sozinho, na sala ou no quintal de casa, fazia estradinha no chão e também animalzinho com bucha do mato e as colocava dentro de uma fazendinha de brincadeira. Era muito cuidadoso com os meus carrinhos e não gostava

que ninguém tocasse neles, também brincávamos de subir nos montes de sacos de arroz com casca que meus pais e nossos vizinhos compravam para revender.

Nunca fui um menino que gostasse de rio, fui algumas vezes apenas quando minha mãe ia lavar roupa ou também queria pescar, ficava por ali no rasiño tentando pegar umas piabinhas. Naquele tempo morria muita gente afogada no nosso rio que possui o mesmo nome da cidade, por isso tinha e tenho medo de água até hoje até porque como diz o ditado popular “água não tem cabelo”, ou seja, não tem onde você segurar nela.

Diferente de hoje, naquela época não se tinha tantas opções de brincadeiras e de brinquedos, quase tudo era improvisado ou feito de forma muito artesanal. Algumas vezes ia para casa do meu primo fazer bolinhas de barro e assá-las no fogo para ser usadas nas baladeiras para matar passarinho ou também ia para o quintal de um dos meus amigos, que não está mais entre nós, brincar no pé de goiaba e procurar as mesmas para comê-las, só ia embora quando minha mãe me chamava.

1.3 Entrada para a escola

Iniciei minha trajetória escolar aos oito anos de idade, estudando numa escolinha particular de pau-a-pique, bem rudimentar mesmo, localizada no município ¹de Pacajá-PA, naquela época uma pequena vila, pertencente ao município de Portel. Minha primeira professora foi dona “Tereza” que por sinal está viva até hoje.

O fato que mais se evidenciou nesta escola, onde se iniciava a minha aprendizagem de leitura e escrita, foram as metodologias predominantes no processo de ensino e de aprendizagem e as formas atualmente consideradas absurdas empregadas para coibir e punir os alunos que infringissem as normas vigentes da escola ou que não soubesse dar a lição ou fazer as atividades corretamente.

Lembro -me como se fosse hoje, a professora chamava os alunos lá para frente para dar a lição da tabuada ou do livro, quem não conseguisse falar corretamente o que tinha sido solicitado, era punido com um bolo de palmatória na mão, ou colocado de joelho na frente da sala ou em pé, com o rosto virado para a parede.

Todos os nomes de escolas e de pessoas que aparecem entre aspas neste memorial são pseudônimos.

Esse tipo de ensino causa um certo trauma nos alunos, eu por exemplo só em olhar para aquela professora já me causava arrepio. Quando chegava a hora de ir para escola já começava aquela sensação de medo, temendo ficar de castigo e de tomar bolo de palmatória comecei a levar dinheiro para a escola para comprar lanche para os meninos me ensinar a fazer as lições e também me ensinar a fazer continhas que eram passadas para casa.

Hoje com todo meu arcabouço teórico, olho para trás e vejo como esse paradigma de ensino era insignificante para a nossa formação como ser social, também me pergunto como pode, o aluno ser punido com castigos severos porque não sabia a lição. Além disso era como se a professora fosse paga para nos maltratar com aquele tipo de ensino, pois essa professora era particular e paga pelos nossos pais.

Entendo que aquela professora ensinava daquela forma porque não tinha uma formação superior em Pedagogia ou área afins, possivelmente só tivesse o fundamental incompleto. Sendo assim apenas reproduzia a forma pela qual também tinha sido ensinada. Talvez para ela aquilo estivesse correto, pois o importante era fazer com que os alunos aprendessem ler, escrever e saber as quatro operações matemáticas não interessava de que forma fosse.

1.4 Ensino fundamental

Aos dez anos de idade, passei a estudar na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Águia Dourada” também no município de Pacajá, na época pertencente a Portel-PA, localizada no perímetro urbano, onde cursei de 1ª a 6ª série do ensino fundamental. Como aluno da 1ª série, era muito esforçado e dedicado com os afazeres escolares.

Graças a Deus minha família não era rica, mas tínhamos recursos financeiros básicos para comprar os materiais escolares, bem como lápis, cadernos, uniforme escolar e além disso levar um dinheirinho para comprar a merenda na escola. Mas nem todos tinha a mesma condição, tinha meninos que levavam seus materiais dentro de uma sacola de açúcar.

Certa vez, depois de ter chegado em casa fui tentar resolver as atividades propostas pela professora, porém não conseguindo elucidar tais questões em pauta, senti me incompetente e frágil e comecei a chorar com raiva de mim mesmo. Meu pai observando o que se passava, tentava me consolar de forma afetuosa, ele dizia-me que o processo de apreensão do conhecimento não acontecia assim tão rápido como eu pensava, mas que

demandava tempo e que com o tempo eu iria aprender a responder aquelas atividades de forma autônoma.

No período de 1985 a 1987, continuei na mesma instituição de ensino, já mencionada anteriormente, na qual estudei a 2^a, 3^a e 4^a série do ensino fundamental. Foram muitos anos estudando nesta escola, repletos de momentos bons e outros nem tanto assim, criei muitos amigos e amigas, uns que ainda hoje me deparo com eles pela cidade e outros que infelizmente já partiram para eternidade. Esses momentos vividos em sala foram singulares e gratificantes e que nem o tempo conseguirá apagá-los da minha mente. Vale a pena trazer à tona as brincadeiras promovidas com a as crianças, principalmente a da baratinha que eu tanto gostava.

A baratinha era uma brincadeira que era desenvolvida da seguinte forma: a professora combinava com as crianças para uma delas ir para fora da sala, e depois de alguns minutos voltava novamente para sala para procurar um objeto que tinha sido previamente escondido, enquanto isso, as outras crianças cantavam a música da baratinha, se ela encontrasse o tal objeto passava a vez para outro colega e assim por diante.

Entre os anos de 1988 e 1989 ainda continuava estudando na mesma escola mencionada anteriormente, onde estudei a 5^a e a 6^a série do ensino fundamental. É gratificante poder voltar ao túnel do tempo, nem que seja teoricamente, para reviver as grandes emoções daquela época, dentre elas: os jogos de queimadas nas sextas feiras, os torneios de futebol improvisados feitos em frente da escola, a banda musical que agitava a galera com as músicas do RPM quando tinha algum evento social na escola, isso sem falar nas brincadeiras sem graça que gostava de aprontar na sala com a ajuda dos outros – um ficava de cócoras atrás de um dos colegas e outro ficava conversando com este até o mesmo topar no que estava de cócoras e cair.

Cumprе salientar que muitas vezes era chamado a atenção pela professora em função da imensa quantidade de suor que emitia em sala, isso se dava devido ao jogo de bola na hora do recreio. Para tentar minimizar o problema muitas vezes rasgava grande quantidade de folhas do caderno tentando me enxugar. A professora que mais se destacou nesse período, foi sem dúvidas a de Português, não porque fosse a mais legal, mas porque dava seis aulas por dia na nossa turma. As aulas se tornavam chatas e cansativas, isso sem falar das aulas sobre verbos que enchíamos folhas e mais folhas deles, o tempo destas aulas pareciam uma eternidade.

Devido ao fato da escola na qual estava estudando anteriormente não oferecer o curso EJA, (Educação de Jovens e adultos) fui obrigado mudar de escola e assim sendo fui para a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Estadual “Novo Pará”. Foi de certo modo uma experiência diferente, aprender manter relações com pessoas de várias faixas etárias.

Com a pretensão de finalizar o ensino fundamental mais rápido passei a estudar na (EJA), porque faria a 7ª e a 8ª série em apenas um ano. Tinha a impressão que estava atrasado nos meus estudos e assomados a isso estava também ansioso para finalizar logo o ensino fundamental e partir para o segundo grau como denominávamos naquele tempo.

Com relação ao curso pude perceber realmente que ele é mais indicado para aquelas pessoas que por um motivo ou outro ficaram sem estudar por um bom tempo e que agora resolveram estudar novamente, seja para satisfazer um desejo pessoal ou para conseguir um certificado para pleitear uma vaga de emprego.

O ensino de Jovens e adultos (EJA) é muito importante para as pessoas, em especial aquelas que por um motivo ou outro não puderam estudar ou concluir seus estudos no tempo previsto. Essa modalidade de ensino é uma forma de acelerar os estudos destas pessoas ou compensar as perdas de um conhecimento escolarizado.

O problema desse tipo de ensino é que ele é resumido demais e assuntos que deveriam serem vistos em dois anos você ver em um. Isso significa que os alunos deverão se desdobrar mais e buscar novos meios de enriquecer o ensino vistos em sala de aula, para não terem tantas dificuldades quando chegarem lá no ensino médio.

CAPÍTULO II PREPARAÇÃO PROFISSIONAL

2.1 Ensino médio

Em 1991 cursei o ensino médio pelo Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), área Magistério, na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Estadual “Novo Pará”, nesta cidade de Pacajá- PA, local onde desenvolvi toda minha formação escolar, nunca tendo, portanto, deslocado para outro município com a finalidade de estudar.

Assim que iniciei o referido curso encontrei logo em primeira instância algumas dificuldades, principalmente na disciplina de Matemática, fato esse fomentado tanto pelo professor quanto por mim, pelo professor devido a sua metodologia autoritária e por mim

devido não ter aprendido de forma precisa alguns assuntos desta matéria lá na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Porém com desenrolar das atividades consegui paulatinamente acompanhar o ritmo da turma, de maneira que dava no mínimo para escapar da nota vermelha como a gente costuma dizer. O interessante que esta dificuldade não era só minha, mas também de outros colegas.

Naquela época foi muito difícil estudar o ensino médio, tendo em vista as minhas próprias dificuldades pessoais de entender alguns assuntos acrescidos ainda pela falta de uma biblioteca para que pudéssemos fazer pesquisas e leituras de diversas categorias. Nesse tempo ainda não disponibilizávamos de celular e de internet.

Para ser mais preciso ainda não tínhamos nem sequer energia elétrica na cidade, muitas vezes eu e outros colegas que morávamos distantes da escola saíamos em grupo por causa do medo que tomava conta da cidade devido a uma possível aparição de um certo capa preta que corria atrás das pessoas e também pela onda de criminalidade que era frequente naquela época.

De acordo com fonte informais, o capa preta era um senhor que vestia uma um tipo de capa preta e ficava hora em umas das ruas que dava acesso ao cemitério, hora em cima da ponte que cortava a transamazônica fazendo medo e correndo atrás do povo, aproveitava-se da escuridão da cidade para causar o pânico nas pessoas.

Acredito que cada um de nós temos pelo menos um professor ou professora que marcou a nossa vida. Eu por exemplo lembro-me de uma professora legal no ensino médio, chamada “Mariana”, ela era muito meiga e tratava a todos com carinho e amor.

E sempre que eu ouço a música “Wind Of Change” da Banda Internacional Scorpions eu rememoro aqueles momentos agradáveis vividos na sala de aula e fora dela. O destino as vezes é cruel conosco e termina nos afastando daquelas pessoas que tanto gostamos. Essa tal professora devido um mal entendido entre ela e a diretora “Raquel” foi transferida para outro município, ficamos muito tristes e decepcionado com a respectiva gestora escolar.

Aí você pode estar até se perguntando mais o que isso tem a ver com o aspecto educacional. Ora se eu e alguns colegas que já éramos bem crescidinhos sofremos um impacto psicológico pelo fato de terem nos afastado daquela professora tão legal, agora imagine só, uma criança que passou quatro ou cinco anos estudando com a mesma professora, que já a tem como se fosse uma membra da sua família, de repente se vê numa turma diferente, com professores diferentes, com mais disciplinas para dá conta.

Essa questão nos chama atenção para o fato de que é preciso dá mais atenção e carinho para essas crianças quando mudam de escolas ou então quando passam dos anos iniciais do ensino fundamental para os anos finais também do ensino fundamental e deste para o ensino médio. Pois vão conviver com pessoas e realidades diferentes. É importante não perdemos de vista que o homem não é um objeto qualquer ele é movido por sentimentos quer sejam bons ou ruins. Sendo assim é preciso que ele esteja bem tanto físico como psicologicamente para que consiga alcançar seus objetivos e no caso das crianças consigam se desenvolver plenamente em diversos aspectos, tais como: na leitura, na escrita, na resolução de problemas matemáticos, nas artes plásticas, dentre outros.

Como mencionei anteriormente eu queria acelerar o termino dos meus estudos até chegar no ensino médio para poder lutar por uma vaga na universidade. Eu achava extraordinário as pessoas da minha cidade que passavam no vestibular e raspavam o cabelo. Achava legal aquilo e sonhava conseguir fazê-lo também. Se hoje é difícil adentrar as universidade públicas imagine naquela época em que as condições sociais, culturais e econômicas eram outras, talvez até piores.

Sentia que o mundo estava se transformando a cada dia, tanto no que diz respeito aos aspectos ligados a tecnologia, a economia, a educação, dentre outros. Tudo isso só me fazia ter mais consciência de que era preciso e urgente encontrar uma forma de entrar num curso superior para não perder espaço em sala de aula para outros profissionais com diplomas de nível superior.

Mas fazer o que? Eis a questão. Não que eu queira ser sensacionalista, mas a verdade é quando a gente pensa que não há solução para o nosso problema, Deus no tempo certo age e abre portas onde não há. Nesse sentido, creio que foi Deus que tocou no coração tanto do prefeito “Zezinho” quanto do vereador “Pedro” que juntos trouxessem para o município de Pacajá um núcleo da universidade Federal do Pará, vinculado ao Campus Universitário do Tocantins Cametá.

Sem perder tempo, corri às pressas e me inscrevi para fazer o exame. Graças a Deus fui um dos contemplados com uma dessas vagas. Passados toda aquela agitação e aquele ritual de raspar a cabeça e de se sujar todo de massa de trigo. Chegou enfim o tão sonhado momento de começar a estudar um nível superior, no caso Letras, pela Universidade Federal do Pará. Assim que comecei frequentar as primeiras aulas, fiquei ansioso e preocupado com meu comportamento frente aquela nova experiência.

Com o passar do tempo fui me acostumando e depois já estava mais à vontade. Gostei muito do curso de linguagem, bem como da maioria dos meus colegas e também da grande parte dos meus professores. Uma coisa que quase todo mundo que entra no curso de Letras pensa é que sair de lá sendo um mega expert em gramática. E é totalmente o contrário pois lá quase não se estuda gramática nua e crua tal qual as pessoas pensam.

Algo interessante no curso de letras é que a gente aprende que não existe somente uma forma de falar correta. Pois todas podem ser consideradas corretas se forem usadas conforme os contextos sociais exigem. Além disso a gente consegue ter uma ideia do porquê das pessoas as vezes usarem uma letra em detrimento de outra e ainda como a nossa forma de falar ou escrever ainda mantém uma estreita relação com Português arcaico que era falado antigamente.

Como sabemos a linguagem está presente em todos os campos do conhecimento humano. Sendo assim acredito ter sido importante ter se apropriados de alguns conhecimentos linguísticos para poder compreender como esses fenômenos podem interferir no processo de ensino e aprendizagem dos nossos alunos e além disso intercalar com os conhecimentos adquiridos durante o curso de pedagogia na tentativa de melhorar e enriquecer a minha própria prática pedagógica.

Sabemos que a linguagem é usada para expressar diversos sentimentos, para convencer, para persuadir, dentro outros, mas essa mesma linguagem é usada também para espalhar o ódio, o preconceito, bullying, dentre outros. E a nossa própria forma de falar pode se tornar alvo de chacotas, piadinhas e assim por diante.

O nome disso chama-se preconceito linguístico que é menosprezar ou desvalorizar a maneira de falar de outra pessoa, é supervalorizar uma variante linguística em detrimento de outra considerada mais correta ou mais bonita, mas afinal de conta, qual a relação disso com o campo da pedagogia? É simples, se tudo que uma criança, ou nosso aluno, disser ou escrever a gente dizer que está errado, sem tomar cuidado de como dizê-lo nós podemos ao invés de aproximá-lo da escola está afastando-o, porque ele vai sentir envergonhada por causa da sua forma de falar e em muitos casos até abandonam a escola.

Compreender tudo isso é importante para evitarmos até mesmo nos contradizer em nossos discursos e prejudicar nossos alunos. Pois como é que eu falo e defendo uma escola democrática em que todos tenham acesso e oportunidades iguais de aprendizagem se eu mesmo enquanto professor estou colaborando para que os alunos se sintam envergonhados, inibidos de falar, de emitir suas opiniões ou até fazendo com que estes abandonem a escola, se

assim procedermos estamos indo na contramão do que geralmente falamos que é de fazer com que nossos alunos se tornem cidadãos críticos e participativos.

2.2 Trajetória profissional

Meu estágio, para o exercício de professor aconteceu por meio de uma Colônia de Férias, organizada pela diretoria da escola estadual, haja vista que estávamos no mês de julho, isto é, no mês de férias escolar. Vale ressaltar que colônia de férias a qual me refiro foi um termo utilizado para o evento que foi feito no sentido de trazer alguns alunos que estavam de férias para participar de um tipo de aula de espontânea vontade, sem nenhuma obrigatoriedade, essa foi uma forma encontrada pelos professores e demais lideranças do curso para que os alunos do então ensino médio(magistério) pudessem executarem seus estágios.

Contudo pude perceber a tarefa árdua e a amplitude de atribuições que são impostas aos professores. Tarefa como o de manter o domínio da sala, controlar os ânimos dos alunos e fazer com os alunos te ouçam para entender o que tá sendo ensinado.

Ter convivido na prática essa experiência foi importante para mim, pois pude trabalhar algumas atividades e dinâmicas com os alunos, fazer plano de aulas, manter o controle da turma em certos momentos, dentre outros, e assim ter uma noção bem clara do papel do professor.

As brincadeiras que desenvolvi durante esse período foram as de roda: a canoa virou, atirei o pau no gato e jogo de queimada. Esse contato com os alunos foi importante para mim alinhar os conhecimentos teóricos da didática com a prática e com a realidade de uma sala de aula.

Quando se fala em ter noção de professor é porque não se tem uma receita pronta, acabada e infalível de como atuar em sala de aula nos mais diversos contextos respeitando as diversidades, as peculiaridades individuais sociais e culturais dos alunos. Por mais preparado e talentoso que seja o professor, em sala de aula não há dúvida que aparecerão situações inesperadas que este deverá procurar resolver sozinho e que a possível solução não estará estampada em nenhum manual. Isso me faz pensar em Freire (1987, 1996) conhecimentos não são estanques, e sim podem ser construídos antes mesmo da criança começar a frequentar a escola, do mesmo modo pelo qual o professor pode criar ações e iniciativas conforme as necessidades surgirem, pois sempre podemos aprender e intervir no meio em que vivemos.

Após ao término do meu ensino médio, resolvi passar uns dias na roça ajudando meu pai e meus irmãos. Depois de alguns dias naquela luta recebi um aviso: era minha vizinha me chamando para eu ir trabalhar na escola onde ela era diretora, não pensei duas vezes e fui encontra-a.

Coincidência ou não, comecei a trabalhar na primeira escola pública onde iniciei minha vida acadêmica, que foi a escola Municipal de ensino fundamental “Águia dourada”, não como professor, mas como agente administrativo. Assim passei um longo período trabalhando na secretaria da respectiva instituição. Até então era apenas contratado.

Somente em 1999 na gestão da então prefeita “Gisele“ foi feito um concurso público municipal, no qual eu pleiteei uma vaga para professor e passei graças a Deus. Depois de concursado comecei a trabalhar como professor propriamente dito com uma turma de 3ª terceira série na escola municipal de ensino fundamental e estadual “Novo Pará”.

Durante esses meus 23 anos de sala de aula como professor já transitei pelo 3º ano dos anos iniciais até o 9º ano dos anos finais. Antes da minha formação em Letras trabalhava apenas com os anos iniciais. Depois dessa minha primeira formação superior, passei a trabalhar com o ensino de Língua Portuguesa, não como efetivo.

Trabalhei muitos anos com a aquela disciplina. Gostei e gosto muito de trabalhar com linguagem. Percebi que há muitos desafios para serem superados para se conseguir êxito de fato no trabalho com a Língua Portuguesa, um desses é desconstruir o mito enraizado na cabeça dos alunos de que o brasileiro não sabe falar Português ou ainda que a Língua Portuguesa é difícil de ser aprendida.

Se não bastasse isso, temos ainda a falta de interesse dos alunos pela leitura e escrita, dificuldade de refletir e de interpretar textos particularmente quando se trata de questões implícitas. Um dos aspectos mais tristes que percebi, enquanto professor de Língua Portuguesa foi perceber o desinteresse dos alunos na hora de escrever reescrever um texto e também ver e sentir aqueles alunos desmotivados para estudar.

Tratam-se de vivências que remetem a Tardiff (2012), para o qual um professor deve estabelecer situações que favoreçam superações, por parte do alunado, relacionadas com dificuldades em aprender, o que pode incluir desmotivações. Para tanto o professor deve exercitar algo referido por diferentes estudiosos (IMBERNÓN, 2010; RIOS, 2010; MANTOAN, 2015), que é uma associação entre diferentes procedimentos e a realidade vivenciada pelo alunado.

Por esses motivos e outros, sempre que possível procurei mesclar minhas aulas de Língua Portuguesa com atividades lúdicas, tais como: dramatizações, gincanas, etc. visando tornar as minhas aulas mais interessante e atrativas para os alunos sem perder de vista a qualidade do ensino.

CAPÍTULO III MINHA RELAÇÃO COM A UNIVERSIDADE

3.1 A entrada e a importancia do parfor

Como já mencionei anteriormente, fiz minha primeira graduação em Letras em 2011, Pela Universidade Federal do Pará, em 2014 fiz uma pós graduação em Estudos Linguísticos e Análise Literária Pela Faculdade RIO SONO. Sou uma pessoa que gosto de estar sempre buscando novos conhecimentos, confesso que a ideia era e continua sendo um dia conseguir fazer um mestrado e assim procurar conquistar novos horizontes.

O grande problema é porque quando você termina uma graduação em muitos casos, por exemplo como o meu, a gente encontra certas barreiras que nos impedem de cursar um mestrado. É como se portas fosse se fechando. A própria história nos mostra que até o ensino médio há maior investimento do poder público no sentido de facilitar a entrada das pessoas nesta modalidade de ensino.

Da graduação até uma pós-graduação há dificuldades para chegar lá com certeza, mas percebo que a maior dificuldade mesmo, é conseguir cursar um mestrado e doutorado, pois em geral as vagas ofertadas são poucas e os concorrentes são muito. Esse é um dos motivos pelo qual pessoas terminam se contentando apenas com uma graduação, ou fazendo outra, para não ficar parado sem estudar, devido não receber incentivos por parte daqueles elaboram as políticas públicas voltadas para área da educação deste país, no que tange aos cursos mencionado anteriormente.

Esse foi o meu caso, resolvi fazer outra graduação porque não tive oportunidade ainda de fazer um mestrado. Então para não ficar parado e talvez até esquecer algumas coisas, resolvi buscar novos conhecimentos e implementar os que já tinha e foi assim que surgiu o desejo de cursar Pedagogia pelo Parfor, visando sobretudo conseguir está acompanhado as mudanças que ocorrem dentro do segmento educacional e que como professor devemos está sempre atentos.

A minha entrada no programa do PARFOR deu-se através de inscrição feita por uma pessoa representantes desse programa e funcionária da Secretaria Municipal de Educação de Pacajá, consolidadas somente depois de apresentação de documentação em espécie numa das escolas do Município de Anapu.

Não fiz nenhuma prova, foram analisados apenas meus dados funcionais, se realmente se enquadravam nos objetivos do referido programa. Um dos requisitos e talvez o mais importante era que tinha de estar atuando em sala de aula para ser beneficiado com o mesmo.

Confesso que a minha primeira ideia era fazer Matemática, mas uma das coordenadoras do programa me alertou que pelo fato de nunca ter dado aula de matemática não poderia fazer a minha pré-inscrição nesta área, para ser exato ela me disse que até poderia fazer, mas não seria aprovada. Sendo assim optei em cursar Pedagogia.

Disse para aquela senhora que iria começar o curso de Pedagogia e caso não gostasse iria desistir. Ao que tudo indica, pareço ter gostado, pois hoje estou aqui escrevendo esse texto relatando as experiências vivenciadas durante esse curso que ao término formará o dorso do meu memorial.

Apesar de já ter outra graduação, tenho uma admiração imensa por esse programa. Entendo que ele assim como outros programas ele é uma forma de democratizar o ensino, isto é, dá oportunidades para aqueles professores que estão atuando em sala de aula sem nenhuma formação em conseguir esse feito sem comprometer todo seus ganhos mensais, que em certos casos só dá apenas para manter as suas necessidades básicas.

Uma das minhas colegas me falou um dia que todo professor tinha que fazer Pedagogia. E eu ficava me perguntando por que? Hoje consigo entender o que ela queria dizer. Em outras palavras ela queria dizer que somente a pedagogia pode nos dá um suporte para entendermos diversas nuances que permeiam o universo educacional do ser humano como um todo.

Este curso me fez ser uma pessoa mais humana, ter mais empatia com meu próximo e em especial com as crianças com as quais lidamos diariamente. Por este viés é possível entender que por traz de todo um planejamento, das atividades que passamos para os nossos alunos está embutido de uma carga semântica ideológico.

Como sabemos todos nós professores temos nossas convicções daquilo que a gente acredita ser melhor ou que considerado politicamente correto. Sendo assim, aquilo que defendemos não se anula na hora de elaborarmos nossos planos de aulas, nossas atividades,

nossas avaliações, etc. para os nossos alunos, pois a minha ação pedagógica está intrinsecamente ligada com a corrente pedagógica que mais me identifico.

Segundo esse entendimento, pode se inferir que se eu acredito numa educação que liberta o homem, como professor, mesmo explicita ou implicitamente as minhas ideias e as minhas ações concretas vão demonstrar e refletir isso, pois as minhas atividades serão pensadas e elaboradas tendo em vista levar o aluno a entender que por meio do seu esforço e dedicação nos estudos ainda é possível fazer com que o ser humano conquiste a sua autonomia e independência como ser social, político e econômica.

Por outro lado, se eu vejo a educação como algo alienadora, que trata o ser humano como uma simples marionete, também minhas atitudes vão deixar transparecer isso, pois minhas atividades serão muito superficiais e desconexas com as realidades dos alunos não contribuindo para o crescimento intelectual e social dos alunos, colaborando negativamente para que se torne futuramente mais um membro da massa de manobra do nosso país, isto é, pessoas que são manipuladas por outras para defender interesses alheios e que não trazem nenhum benefício para ela própria.

Entende-se, portanto, que quando falamos em semântico ideológico, estamos nos remetendo ao fato de que todas as nossas ações estão impregnadas tanto de um significado quanto de uma ideia particular meu sobre algo, por isso qualquer que seja as formas expressões quer sim, quer não possui um significado e um sentido ideológico, pode ser que nem todas as pessoas consigam perceber isso, mas pelo menos para quem expressou ou fez ou algo ele tem uma explicação. Tratam-se de ponderações que remetem a autores como Imbernón (2010) e Tardiff (2012), segundo eles o professor deve aprimorar frequentemente o senso crítico, afinal sua atuação ocorre em contextos que requerem posicionamentos e argumentações.

Vamos imaginar um monte risco feito num caderno de uma criança pequena de 5 anos, para gente talvez não signifique nada, mas se perguntarmos para mesma ela irar dizer o significado daquilo e o que ela pensa sobre tal coisa. Outro exemplo que a gente pode citar são aqueles quadros pintados por artistas famosos de valor absurdo.

Talvez para quem não seja da área das artes não dá o mínimo valor pelo um quadro daqueles, mas para quem é do ramo conseguem valorizar e dá o valor devido aquele objeto e faz isso porque consegue destrinchar os valores agregados naquele item que muitas vezes não são vistos de forma concretas e sim perceptíveis através do nosso raciocínio lógico e pelas nossas experiências de vida. Fica claro que cada um de nós temos ponto de vista e gosto

diferente um do outro e aquilo que não possui valor para mim para o outro pode ser considerado uma joia rara e muito valiosa ou de grande valor sentimental.

Entendo que nada neste mundo surge por acaso, assim também são as nossas palavras, ninguém fala algo simplesmente por falar mantendo total neutralidade, ninguém escreve simplesmente porque acha legal. Elas fazem isso porque querem comunicar algo, dizer alguma coisa. As nossas palavras, nossos gestos e expressões tem sentidos e significados.

Aí está um dos nossos grandes desafios como professor que é exercitar a nossa própria leitura de mundo sobre as mais diversas coisas e aspectos que nos cercam de tal modo que tenhamos condições e um repertório cultural suficiente para ajudar nossos alunos a saírem de um nível básico de leitura e passarem para um nível mais avançado levando-os a compreender que ler pressupõe um trabalho minucioso de compreensão e reflexão sobre a realidade, conforme referem diferentes documentos (BRASIL, 1998; 1999; 2017). Hoje percebo que está reflexão, envolvendo atuação e função social, guarda relações com o compromisso genuíno do que é ser professor.

Por este motivo entende-se que ser professor não se resume simplesmente no fato de fazer os alunos dominarem a prática da leitura e da escrita, vai muito além disso, ele precisa ter um olhar muito atento e apurados sobre as mudanças sociais culturais e econômico que o nosso modelo capitalista nos impõe e sobretudo discernir os sentidos ou significados das coisas que estão implícitos nos diversos tipos de mídias

Na verdade, esse profissional deve estar munido de muitos conhecimentos para quando for necessário lançar mão em algum momento da sua vida. Não dá para continuar sempre na mesmice. Assim como tudo muda, na educação também não é diferente. E o professor deve ser um profissional que esteja sempre preocupado em buscar novos conhecimentos ou implementar os que já sabe visando oferecer uma educação de qualidade para os seus alunos, educação essa que emancipa o homem e o transforme em ser social participativo, reflexivo e crítico acima de tudo. Isso remete a documentos oficiais (BRASIL, 1998; 1999; 2017), os quais evidenciam compromissos da Educação Formal com a formação da cidadania.

Acredito que o PARFOR veio com esse sentido de preparar os professores a atuarem de forma consciente na sala de aula, para tanto ofereceu suporte teórico e atividades práticas onde foi colocado a prova os conhecimentos que estávamos adquirindo nesta instituição de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar este memorial foi muito importante porque pude resgatar diversas lembranças desde os meus primeiros anos de vida até a idade atual. Foi um prazer voltar ao túnel do tempo e lembrar de pessoas importantes que se passaram na minha vida, especialmente meu pai e minha mãe que não está mais entre nós.

O processo de construção do referido trabalho foi uma oportunidade também para refletir e me auto avaliar no que concerne a minha atitude com meus alunos, se ainda traz resquícios daquela forma na qual fui ensinado ou não. Relembrar o meu passado é importante porque é uma forma de tentar corrigir aquilo que foi feito de errado no passado, no que diz respeito a minha prática pedagógica, e procurar não cometê-los mais no presente.

Portanto, ao longo deste trabalho propus a reflexão das dificuldades enfrentadas pelos alunos oriundos tanto da EJA como do SOME para concluírem o ano letivo com êxito. Como aluno da EJA, pelo menos quando eu estudava, percebi que faltava um apoio maior por parte da diretoria de ensino. Como docente posso falar com propriedade que realmente faltava um olhar especial para este tipo de ensino e um currículo que contemplasse algumas especificidades desta categoria de alunos.

O que se tem percebido em anos anteriores é que as escolas tem começado o ano letivo com salas da EJA repletas de alunos e finaliza o ano com um número muito baixo. Em geral, a maioria dos desistentes são adolescentes ou jovens. As pessoas mais idosas geralmente conseguem concluir o ano letivo e ser aprovadas.

Durante os anos que trabalhei com a EJA, pude perceber que não havia um cronograma didático organizado sistematicamente a ser seguido, e quando tinha era de anos anteriores. As vezes os professores pegavam o planejamento anual do fundamental normal e adequavam a suas necessidades, muitas coisas aconteciam de forma improvisadas.

Antigamente existiam muitas escolas no município onde eu moro que ofereciam a modalidade EJA, hoje já não trabalham mais com a mesma devido os altos índices de desistência. Sendo assim, é preciso que alguma coisa seja feita pelos nossos representantes políticos da educação no sentido de contornar essa situação, visto que, apesar de alguns contrastes percebidos na EJA, isso não anula o seu grau de relevância.

Todos nós temos muitas histórias legais para serem lembradas e outras nem tanto assim, mas que devem ser escritas para não correrem o risco de serem esquecidas ou apagadas pelo tempo. A nossa vida é o nosso maior patrimônio cultural individual sendo assim ela

precisa e deve ser imortalizada de diversas formas uma delas através da escrita de um memorial igual a este.

O resultado deste memorial em termo de conceito só será obtido após sua apresentação por parte do acadêmico em dia e horário marcado e também depois da observação e avaliação dos membros da banca examinadora os quais serão indicados pela direção desta instituição superior de ensino.

REFERÊNCIAS

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 5 dez. 2022

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC; SEMT, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais**. Brasília: MEC; SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Edição. São Paulo. Editora ATLAS S.A., 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.